

Eles vivem

POR BARBARA REITER

FERNANDO PARRADO E CARLITOS VILARÓ, DOIS SOBREVIVENTES DA TRAGÉDIA AÉREA NOS ANDES QUE CHOCOU O MUNDO EM 1972 FALAM À S.A.X COM EXCLUSIVIDADE

Eles não costumam falar com a imprensa. Foi preciso muita perseverança para conseguir com que dois dos sobreviventes da tragédia que envolveu um time de rúgbi uruguaio, durante uma viagem ao Chile, em 1972, dessem esta entrevista, durante um seminário em Porto Alegre. Há 36 anos, em 13 de outubro, um avião Fairchild F-227 do exército uruguaio levava os atletas do Old Christians e familiares para uma partida em Santiago. Havia 45 pessoas a bordo, das quais cinco tripulantes. Uma combinação de mau tempo, falha técnica e imperícia do piloto fez com que o avião se chocasse contra o topo de uma colina, a 4.700 m de altitude. No impacto, a cauda do avião foi decepada e seu corpo escorregou pela neve montanha abaixo, atravessando picos e penhascos – as asas se perderam, a fuselagem partiu-se ao meio – até parar bruscamente. Vinte e uma pessoas morreram, pelo impacto ou pelos ferimentos causados, entre as quais a mãe

e a irmã de Fernando Parrado. Este, com o crânio fraturado, despertaria de um coma somente três dias depois. Recuperados e abrigados na fuselagem do avião, os primeiros sobreviventes foram surpreendidos por uma avalanche, que soterrou e matou mais oito deles. Os 16 últimos resistiram à queda, à avalanche, à temperatura de 40 graus negativos e à notícia, pelo rádio do avião, de que as buscas tinham se encerrado, sem sucesso, no décimo dia. Desnutridos e famintos, recorreram ao último recurso que poderia mantê-los vivos: a ingestão de carne dos passageiros mortos no desastre. Somente 72 dias depois, graças a uma expedição quase suicida de dez dias e 160 quilômetros empreendida a pé, por Nando Parrado e Roberto Canessa, que estes conseguiram atingir a planície e estabelecer contato com a civilização. Débil e sem forças para gritar, Nando ainda conseguiu escrever um bilhete, amarrá-lo a uma pedra e jogá-la perto de um camponês que pas-

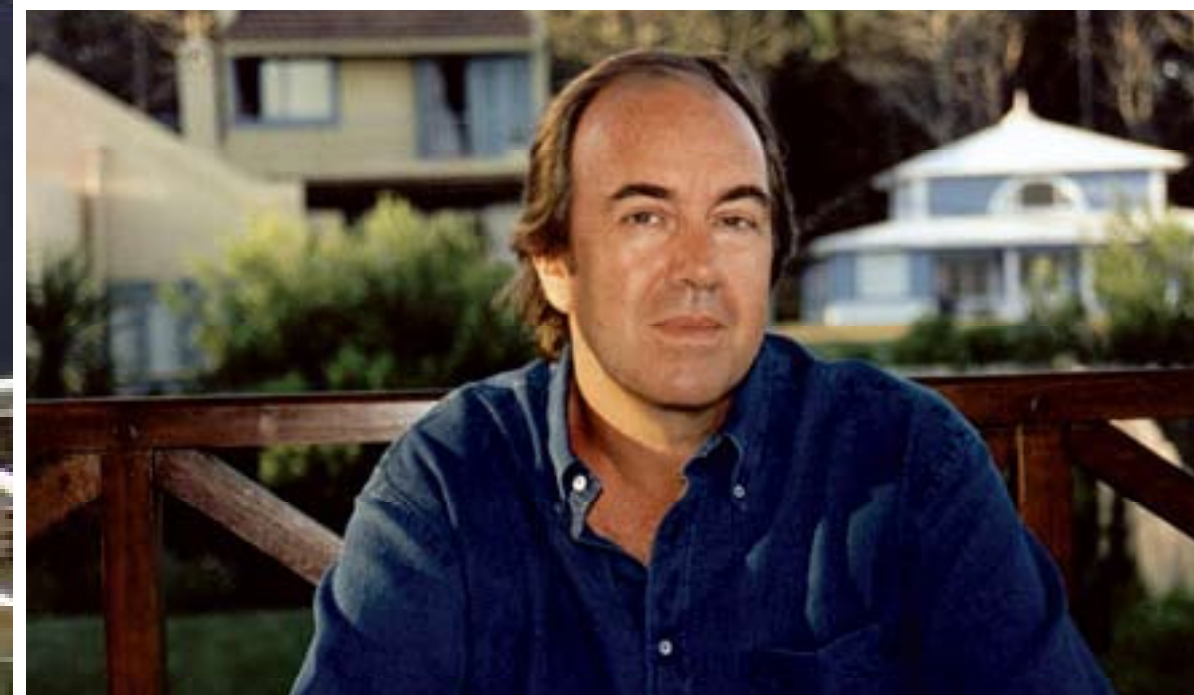


*Hola Chicos!!
Aqui les mando
este helicóptero
como regalo
de Navidad!!*

Nando Parrado (à esquerda) e Carlitos Vilaró no momento em que são salvos. O resgate chegou de helicóptero, como previu o bilhete desesperado do pai de Carlitos, Carlos Vilaró, “o louco do aeroporto”



Grupo Res-Viven



“NÃO NOS SALVAMOS POR SERMOS ESPORTISTAS OU SABERMOS TRABALHAR EM EQUIPE. ISSO DESTOA DA REALIDADE. A VIAGEM ERA SÓ UMA DESCULPA PARA ESTAR SEM MEUS PAIS”

sava pela trilha abaixo. Foram avistados. Era o dia 21 de dezembro, pouco antes do Natal, e o fato foi considerado quase um milagre. Essa incrível odisséia deixou o mundo atônito e gerou uma infinidade de reportagens, estudos, pelo menos um documentário e dois filmes para o cinema. No melhor deles, Vivos (1993), Carlos Miguel Paéz Vilaró Rodríguez é interpretado por Bruce Ramsay. A voz em off de Carlitos coube a John Malkovich. E Fernando Seler Parrado Delgay é vivido por Ethan Hawke. O filme é baseado no livro de Piers Paul Read, Os Sobreviventes – A Tragédia dos Andes (Ed. Circulo do Livro, esgotado) e vendeu nove milhões de exemplares. Nando Parrado também escreveu um livro, Milagre nos Andes – 72 Dias na Montanha e Minha Longa Volta para Casa (Ed. Objetiva), um relato emocionante e detalhado. Carlitos fez o mesmo em Después del Día Diez, só publicado em espanhol, em que dá um depoimento tão cru quanto a carne que os manteve vivos. Nando tinha 23 anos. Carlitos era o mais novo, com 18. Como todos ali, era um menino de família rica, que jamais havia dormido fora de casa ou visto um defunto antes. Já hipocondríaco na época, levou na bagagem de antiácidos a chá de carqueja, que acabaram sendo úteis. Seu pai, o famoso artista Carlos Páez Vilaró, autor da residência-escultura Casapueblo, em Punta del Este, moveu céus e terras em busca do filho desaparecido. Recorreu a videntes,

parapsicólogos, ofereceu recompensas, sobrevoou de helicóptero as montanhas. Ficou conhecido como “o louco do aeroporto”. Publicitário, divorciado e pai de dois filhos, Carlitos ainda viveria mais um drama particular anos depois, com as drogas e o álcool. Os companheiros novamente se juntaram para salvá-lo. Piadista nato, seu discurso é de uma sinceridade desconcertante, mesmo quando se descreve com certa crueldade. Trinta e seis anos depois, os sobreviventes que tiveram suas vidas transformadas nos Andes continuam vivendo no mesmo bairro em Montevideu, Uruguai, e até jogam rúgbi de vez em quando. Nando se tornou um empresário bem-sucedido no ramo de televisão, domina seis idiomas e, assim como Carlitos, dá palestras pelo mundo sobre sua experiência. Harvard tomou o episódio como um case de gestão de crise e liderança a ser estudado – fato a que Nando faz graça. Avesso a entrevistas sobre o tema – ele diz ter escrito o livro para encerrar o assunto –, tampouco nutre simpatias por jornalistas, a quem considera, ironicamente, carneiros. Bem casado e muito família, vive com a mulher, ex-Miss Uruguai, e duas filhas, referindo-se a elas com emoção em suas palestras. Nessas apresentações, costuma ser absolutamente franco. Nega-se a vestir a capa de herói da tragédia, creditando sua sobrevivência a fatores como sorte (a poltrona no avião, a derrapagem perfeita do casco



Fotos divulgação

*Querido Carlitos Miguel:
Como ves nunca te fallé.
Te espero con mano fe en Dios
que nunca.
Mamá llega ahora nomás
a Chile.
Un abrazo
El Viejo*

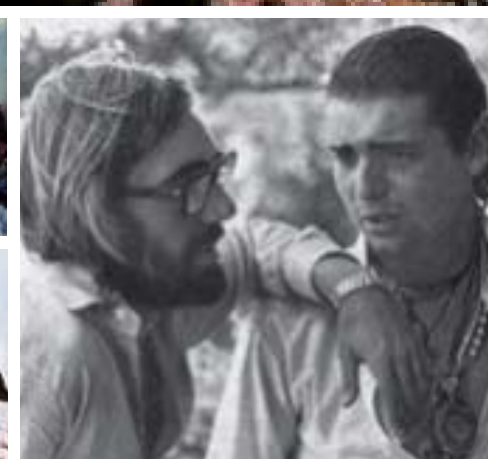
Nando Parrado (ao alto) e Carlitos Vilaró hoje, e quando foram resgatados (em preto e branco, à esquerda). O pai de Carlitos escrevia bilhetes desesperados

pela neve); decisões práticas (como o isolamento da fuselagem com as malas, que serviram de barricada contra o frio); rapidez de iniciativa (mal colocou para fora da neve a cabeça, depois da avalanche, começou a descobrir as dos demais) e, claro, trabalho em equipe. Não é à toa que viraram tema de MBA. Pragmático, ainda que oriundo de colégio extremamente católico – condição que tornou a antropofagia uma decisão ainda mais difícil para muitos deles –, de uma coisa Nando não esconde achar até certa graça: ao chegar com o resgate após sua façanha monumental, muitos creditaram a própria salvação às preces dos que ficaram.

Qual a importância do trabalho em equipe para a sobrevivência nessa tragédia?

Carlitos – Creio que não nos salvamos da morte por sermos grandes esportistas, por termos formado uma equipe e que, por isso, saberíamos como lidar nessa situação. Isso destoa da realidade. Dos 16 sobreviventes, apenas cinco eram do time de rúgbi. Eu mesmo pouco havia jogado. O jogo no Chile era somente uma desculpa pra viajar sem meus pais.

Nando – Nos dividimos em grupos por uma questão de sobrevivência. Cada grupo era responsável por um departamento e dava o melhor de si para o resultado final. Eu era o encarregado da expe-



Os sobreviventes foram resgatados depois de 72 dias. Carlitos voltou à cena anos depois. Nas montanhas, tiveram de recorrer ao canibalismo para sobreviver



A irmã e a mãe de Nando Parrado morreram no acidente. No local, um singelo memorial. Ao lado, o bilhete que salvou a vida de todos

dição final e do treino dos expedicionários que iriam comigo, outros de produzir água, manter limpa a fuselagem, tratar os feridos etc.

Como organizaram a expedição em busca da civilização?

Nando – Não conhecíamos nada de montanhas glaciais. Tínhamos que aprender até onde pisar. Começamos a caminhar. Perto, primeiro. Depois, um pouquinho mais distante. Tomamos consciência de como se deveria caminhar, por onde era seguro pisar, até para treinar estar sozinho, longe da zona de conforto relativo que a fuselagem representava. Se você está com medo, mas junto dos seus amigos, se sente naturalmente mais seguro. Mas se vai mais distante e perde a visão dos outros, se sente isolado de tudo. E com um medo incrível. Precisávamos aprender a combater o medo.

Carlitos – A natureza era de uma hostilidade ímpar. A fuselagem nos abrigava e protegia com seu calor.

Como foi a primeira noite?

Carlitos – Uma cena dantesca. O próprio inferno: mortos para todos os lados, gente com fraturas expostas, sangue, neve, um frio insuportável, alguns com desequilíbrio mental, insegurança, confusão... O caos envolto num manto de puro terror! Um tinha um furo na cabeça, outros estavam com pernas quebradas, ossos desfeitos, dores insuportáveis. Uma senhora presa às ferragens me enlouquecia, pois gritava sem parar. No dia seguinte, ao percebê-la morta, tive um peso horrível na consciência por mandá-la calar-se.

A superação emocional teria lhe ajudado a sobreviver?

Nando – É mais fácil agora analisar e olhar de fora, mas quando se está mergulhado nessa situação, não se dá conta do que está acontecendo, só se pensa em sobreviver minuto após minuto, hora após hora. Depois, alguém diz: “Coragem, superação, trabalho em equipe, liderança...”. Mas tudo isso aconteceu de improviso.

O que foi mais difícil de lidar: o frio, a fome, a sede?

Carlitos – A imprevisibilidade constante. A cada vez que resolvíamos uma situação, caía outra bomba maior sobre nossas cabeças. Depois da queda, veio avalanche, terremoto, frio, fome, sede, notícias de que as buscas cessaram...

Nando – O mais difícil mesmo foi ter, o tempo todo, a certeza de que estávamos mortos. Uma vez que achamos o caminho para debelar a fome, isso é feito. Matamos o frio, isso é feito. Mas, a cada minuto desses 72 dias, estávamos à frente de um pelotão de fuzilamento. A única certeza era a de que não haveria oportunidade de sobreviver. Até o último minuto, quando encontrei ao final da caminhada um tropeiro, eu me considerava morto! Eu achava que já estava morto, apenas caminhava, respirava. Às sete da manhã do décimo dia da queda, ouvimos no rádio notícias políticas internacionais, locais, esportivas. Depois, falou que havia sido encerrada a busca. Não acreditavam que pudesse ser possível haver algum sobrevivente após dez dias de queda nas cordilheiras glaciais. Quando escutamos na rádio que a busca havia sido cancelada, foi para nós o pior momento.

Foi como um decreto de morte.

Nando – Foi quando tomei uma decisão. Fiz uma imagem mental do que poderia acontecer, e não era bonito! Quem seria o último a sobrar, depois que acabassem os corpos que serviam como alimento? Pensei: estou morto. É difícil transmitir pra você essa sensação de que já se está morto, mas respira. Foi isso o que senti.

Carlitos – Um amigo que ouviu a notícia no rádio de pilhas entrou na fuselagem e nos disse: “Tenho uma boa notícia: a busca foi encerrada, não nos procuram mais”. Como assim, uma boa notícia? O cara estava louco? Mas, no fundo, era boa mesmo. Até então, éramos “sobreviventes”, e mudamos totalmente de atitude, passamos a ser “vivos”, isso despertou um novo espírito. Foi uma sacudida! Foi como ouvir: “Cara, vê se cai na real! Vai ter que se virar como puder!” Por isso, meu livro, que gostaria de publicar no Brasil, se chama Después del Día Diez, pois foi quando percebemos que, para sair dali, só contávamos com nossa vontade.

Ou seja, a partir daquele momento, era viver como pudesse ou se entregar à morte?

Nando – Acho que sim. O aspecto mais interessante dessa história pode ter sido o fato de que sobrevivemos graças aos corpos dos nossos amigos, mas essa foi só a primeira solução encontrada. Depois de estarmos famintos, de dividir um quadradinho minúsculo de chocolate e uma tampinha de vinho, dividimos amendoins, um para cada pessoa. No primeiro dia, chupei o chocolate que envolvia

“A DESPENSA ESTÁ VAZIA.” A RESPOSTA QUE ME DEU NANDO, COM TANTA NATURALIDADE, FOI: “EU COMO O PILOTO”

o amendoim. No segundo, comi metade do amendoim. No terceiro, a outra metade. Depois, nada. Tentamos comer até peças de couro. Uma vez solucionada a questão da fome, agora, tínhamos que lutar contra a sede. Nessa altitude, a desidratação é cinco vezes maior do que no nível do mar. Não há água! Somente neve ou gelo, mas é difícil transformar em água. Colocar neve na boca dói muitíssimo. Mas era a única forma de combater a sede: comer gelo. Os feridos choravam de sede. Tínhamos que fazer água na nossa boca e dar aos feridos.

Carlitos – A fome era um vazio de morte. No décimo dia, avisei Parrado: “A despensa está vazia”. A resposta que me deu Nando, com tanta naturalidade, foi: “Eu como o piloto.” Ele tinha ressentimentos contra aquele que havia sido culpado pela queda e pela morte de sua mãe e irmã. A real é que também já havia passado pela minha cabeça a idéia. Não matamos ninguém para continuarmos vivos, apenas não nos permitimos morrer.

Os familiares dos que lhes serviram de alimento reprovaram?

Carlitos – Não, quando você assume a verdade, não há reprovação. O Papa Paulo VI, na época, nos enviou uma mensagem dizendo que havíamos nos comportado como bons cristãos. A antropofagia não é o grande tema da história, e sim o trabalho em equipe, a amizade, a tomada de decisão, a tolerância, a adaptação.

Fica muito tempo sem pensar no acidente?

Nando – Esse acidente aconteceu há 36 anos! A minha vida é plena, completa. Sou como um computador. Quando falo dos Andes, acesso o “folder” (risos). Depois, guardo o arquivo.

Acha que a série de TV Lost foi inspirada em vocês?

Carlitos – Sim! Não apenas Lost, como a série Fênix, também.

Qual foi a grande lição tirada dessa história?

Nando – Para mim, cada dia é como meu aniversário. Infelizmente, ou felizmente, sou capaz de distinguir uma situação de vida difícil de uma normal. Posso viver, sonhar, amar, trabalhar, e, para mim, a maior glória é ter uma família. Trabalho muito, mas gosto também de viver a vida. Vive-se uma só vez. As pessoas geralmente entendem a importância real das coisas somente no final da vida. Para se encontrar felicidade, há que se ter sonhos. E, no trabalho, você deve se permitir erros e nunca olhar para trás. Quando se vê a morte de perto, cada minuto da vida é uma grande felicidade.

Carlitos – A experiência positiva é que me encontrei comigo mesmo, com virtudes desconhecidas em mim, afloraram recursos que não conhecia. Evolui muito em 72 dias e me transformei. Pessoas comuns podem fazer coisas extraordinárias. Nós fizemos. A lição negativa é que tive algumas atitudes covardes lá nos Andes. Mas a maior mensagem é que é possível sobreviver. ■

Agradecimentos: Grupo Re-Viven (elmilagrodelosandes@groups.msn.com)